

AO ENCONTRO DO OUTRO: TECITURA DE LEMBRANÇAS DA MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA E APROXIMAÇÃO COM O POETA/SUJEITO DA PESQUISA

Rosilene da Costa Bezerra Ramos ¹
Charles Lamartine de Sousa Freitas ²

RESUMO

Esta pesquisa assenta-se na abordagem narrativa e autobiográfica. Constitui-se um recorte do trabalho de mestrado com enfoque nas narrativas de experiências formadoras na voz de um poeta popular do Programa Brasil Alfabetizado – Baraúna/RN, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação - POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte UERN. Este recorte trata-se das narrativas (auto)biográficas e composição de sentidos do meu percurso de pesquisadora, com ênfase no encontro com o sujeito participante da pesquisa. Ao optar por escrever o próprio percurso, teorizamos elementos da experiência pessoal, social e acadêmica, a partir da narrativa (Auto) biográfica, com o objetivo de desvelar a construção do despertar do objeto de estudo, analisando as razões que me levaram ao encontro e escolha do poeta Nildo da Pedra Branca como sujeito para o diálogo proposto neste estudo. As análises tiveram como suporte teórico-metodológico a abordagem (auto) biográfica em autores como JOSSO, 2004; SOUZA, 2006; DOMINICÉ, 2005. Foi possível através da narrativa de vida e do diálogo com os autores, perceber a importância da escrita de si para a compreensão do processo em que o sujeito está em formação. As narrativas de experiências formadoras nos permitem compreender as mudanças que ocorrem no plano pessoal e social. "É neste movimento dialético que nos formamos como humano" (JOSSO, 2004, p.54).

Palavras-chave: Experiências formadoras. Narrativas (Auto)biográficas. Histórias de vida

INTRODUÇÃO

Neste artigo, propomo-nos a apresentar e discutir a partir das narrativas (Auto) biográficas como construí o objeto de pesquisa com base na minha trajetória pessoal e profissional, com ênfase no encontro com o sujeito participante da pesquisa. O texto intenciona narrar e desvelar a construção do despertar do objeto de estudo, analisando as razões que me levaram ao encontro e escolha do poeta Nildo da Pedra Branca como sujeito para o diálogo proposto neste estudo.

Ao iniciar a escrita deste texto³ brotou em minha mente a seguinte pergunta: qual será o ponto de partida deste caminhar? A resposta surgiu em seguida: metaforizar uma viagem, com

¹ Mestre em Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, rosilenerb@hotmail.com

² Doutorando do Curso de Filosofia e História da Educação da Universidade Estadual de Campinas, – UNICAMP, charles.lmartine@gmail.com

³ O texto foi escrito em duas pessoas verbais. Traz momentos de narrativas de experiências pessoais da autora da dissertação e, em outros momentos, construções coletivas realizadas junto com a orientadora e sujeitos da pesquisa. Desse modo, se justifica o uso da primeira pessoa do singular para marcar a opinião do autor e a primeira pessoa do plural para representar as ideias construídas junto com a orientadora e sujeitos da pesquisa.

suas expectativas e seus percursos. Nesse processo, o encantar-se pelos caminhos, muitas vezes desconhecidos e sinuosos, tem uma forte aproximação com o exercício investigativo, mais intenso quando o pesquisador é impulsionado a lançar um olhar sobre si, num caminhar para si (JOSSO, 2004). Essa ação é propiciada pela pesquisa que traz em seu bojo as narrativas (auto) biográficas.

O ponto fundante de embarque e partida deste estudo se inicia pela busca em refletir a respeito da própria existência, do meu Eu. As narrativas de mim trazem consigo lembranças e aromas poéticos do meu tempo de infância, das minhas origens, do meu percurso formativo. Esse itinerário me levará à aproximação com o meu objeto de estudo na perspectiva (Auto)biográfica. O uso da primeira pessoa do singular, em momentos da dissertação, se justifica por fortalecer a opção da autora pela perspectiva (Auto)biográfica e por valorizar a singularidade do sujeito da pesquisa e do pesquisador.

Em relação à linguagem, pontifico, ainda, que o leitor encontrará uma escrita diferente da costumeira encontrada nos trabalhos acadêmicos. Deixei-me seduzir por uma escrita cravada pela beleza e o gozo da poesia com a intenção de quebrar os grilhões de uma escrita mecânica e burocrática. Esta talvez não fosse capaz de traduzir a complexidade do percurso vivido em uma pesquisa com o mote da subjetividade humana. Para ilustrar remeto-me aos versos de Manoel de Barros⁴ (1997), poeta que me instiga à fruição e à imaginação: *Há várias maneiras sérias de não dizer nada, mas só a poesia é verdadeira.*

Ao reviver e reconstruir a minha trajetória em diferentes fases, me proponho a não apenas desvendar, mas a problematizar experiências e trajetórias significativas da minha história de vida. Essas memórias, entrelaçadas por diferentes emoções e sentimentos, refletem aprendizagens, evidenciam medos, angústias, questionamentos e possibilitam a reconstrução do meu ser “pessoal”, em diálogo constante com o meu ser “profissional”. Nesta viagem investigativa, coloco-me como sujeito incluso (FREIRE, 1997), repleto de incertezas; um ser ávido por descobertas e novas formas de conhecer, as quais rompem com o quadro lógico formal positivista legitimador do conhecimento resultado apenas do meio acadêmico e das ciências.

⁴ Manoel Wenceslau Leite de Barros, poeta brasileiro nascido em Cuiabá, Mato Grosso do Sul, em 1916 é uma das grandes vozes da poesia brasileira contemporânea. A criança, apelidada de Nequinho por sua família, passou sua infância sentindo a textura da terra nos pés, brincando e correndo entre personagens que definiriam sua obra, os currais e os objetos que chamavam a atenção do futuro escritor. Aos 19 anos, Manoel de Barros escreveu seu primeiro poema, e a partir de então sua veia poética não mais deixou de pulsar. Faleceu no dia 13 de novembro de 2014. Disponível em: < <http://www.infoescola.com>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

Esta produção textual estrutura-se em três momentos: no inicial, retrata caminhos percorridos pela autora em sua infância. Inicia a pesquisa na trilha dos versos do poeta Manoel de Barros (2008), “nas experiências rastejantes e delirantes dos quintais da minha infância”. Retrata o contexto familiar e narra a história do seu lugar, descreve o flunar pelo bairro de infância, em suas ruas de chão de barro com o aroma do matagal verde da salsa e outras plantas da vegetação do semiárido potiguar, aliados às águas barrentas da Lagoa do Mato, homônima do bairro; no segundo, apresento o meu percurso de escolarização desde os anos iniciais da educação básica até o ingresso no ensino superior. Retrato a entrada na carreira docente e a trajetória em busca da formação continuada. Ressalto a conquista do Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UERN, a reconstrução de saberes e a relevância dessa formação para o meu aprimoramento pessoal e profissional; no terceiro e derradeiro momento, lanço o olhar à minha aproximação com o método (Auto)Biográfico e o resgate das lembranças do encontro com o poeta popular Nildo da Pedra Branca protagonista do estudo. Destaco as particularidades da pesquisa (Auto)Biográfica e sua importância para a minha vida. Narro como o método me permitiu trazer para o centro do estudo as narrativas de um sujeito comum, de voz silenciada pela história oficial.

METODOLOGIA

A investigação tem abordagem qualitativa e está ancorada no método (Auto)Biográfico, nas narrativas (auto)biográficas. A pesquisa qualitativa se coloca como opção pertinente para o estudo por trabalhar, como afirma Minayo (2001, p.22): “Com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. ”

Para a autora citada, esse movimento dinâmico da relação entre o mundo real e o universo da subjetividade humana explicita que a pesquisa qualitativa focaliza em dimensões de uma realidade que não pode ser quantificada. O estudo a partir das narrativas (auto)biográficas e de histórias de vida requer, com a operacionalização da pesquisa, interpretações ou constatações científicas além das oferecidas pelo rigor lógico da ciência dos modelos clássicos e pós-positivistas.

O percurso metodológico que tomamos para nossa pesquisa vislumbra a perspectiva da metodologia (Auto)Biográfica centrado na construção, compreensão e interpretação dos relatos com olhares cruzados, a partir das narrativas de si. Como técnica de coleta de informações para

o estudo, utilizamos da narrativa escrita de histórias de vida. Além do seu significado investigativo, as histórias de vida representam um valioso instrumento de formação para o sujeito que se narra e para os outros. As narrativas servem como material de compreensão dos processos de conhecimento, de formação e aprendizagem

Assumimos aqui a perspectiva da abordagem das histórias de vida e o trabalho com as narrativas, defendidos por Josso (2010). Em seus estudos com uso da abordagem biográfica, a autora nos faz perceber a importância de se estudar os fenômenos sob o ponto de vista das próprias pessoas, em seus contextos de vida.

A abordagem metodológica das histórias de vida e o trabalho com as narrativas, defendidos por Josso (2010), evidenciam a centralidade do sujeito ativo como protagonista de sua própria história, ou seja, como ator e autor. As narrativas de experiências formadoras nos permitem compreender as mudanças que ocorrem no plano pessoal e social. "É neste movimento dialético que nos formamos como humano" (JOSSO, 2004, p.54).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre rimas e versos: memórias de uma infância embalada pela poesia popular

Adentrar e expor singularidade do meu ser pelo ato de descrever minhas memórias lançou-me em um profundo processo reflexivo. Através da escrita de mim mesma, pude mergulhar no meu interior, voltar ao passado, dialogar com os meus anseios, frustrações, medos, dúvidas, afetos. Esse processo me permitiu reviver e reconstruir minha própria vida. Conforme Josso (2004, p. 40) "falar de recordações-referências é dizer, de imediato, que elas são simbólicas do que o autor compreende como elementos constitutivos da sua formação".

Início a pesquisa na trilha dos versos do poeta Manoel de Barros (2008), "nas experiências rastejantes e delirantes dos quintais da minha infância". As primeiras linhas da história da minha vida começaram a ser traçadas na calada de uma noite chuvosa de 1971. Naquele ano, o Brasil vivia o auge do Regime Militar, instaurado no país no ano de 1964. Um período marcado por vozes silenciadas, através da manipulação de informações, torturas, repressão e forte interferência por parte do Estado.

Sou Rosilene da Costa Bezerra Ramos e conheci o meu verdadeiro nome quando cheguei à escola. Desde bebê, todos me chamam de Rosa. Filha primogênita, nasci na cidade de Mossoró, no Estado do Rio Grande do Norte (RN), em 17 de abril, no ano de 1971, como conta minha mãe:

Nunca tinha visto um inverno tão pesado como aquele do ano em que você nasceu. Era tanta chuva, tanto relâmpago e trovoada. A casa pingava por todo canto. Para não lhe molhar, foi aberto um plástico em cima da sua rede. Por causa da chuva, a gente dividia a casa com os bichos da sua avó - as galinhas, um bode e um galo, que começava a cantar quatro horas da manhã. A lagoa encheu tanto que bateu no pé da porta. (Entrevista com Luzia Maria da Costa Bezerra, Mossoró/RN, 18/10/2016).

Ao nascer, embalada por densas gotas de água, estabeleci um enlace afetivo com a chuva e com os elementos da natureza. O gosto pelas correntezas, o frescor do banho de chuva, o aroma da terra molhada, me aguçam os sentidos e me remetem a um estado de leveza e satisfação. Sentimentos límpidos. Água, símbolo de purificação e renovação da vida.

Quando criança sem pedir licença pude *curiosar* o território natural de um bairro de periferia, onde morei. As ruas de chão de barro, a brisa leve e fresca no meu rosto, o bálsamo aromático do matagal verde da salsa e outras plantas da vegetação do semiárido potiguar, aliados às águas barrentas da Lagoa do Mato, faziam parte do meu cotidiano e das crianças do bairro.

Lembro-me com fresquidão o flunar às ruas do bairro, incandescente rotina vivida até os seis anos de idade, caminho habitual voltado à liberdade do brincar nas ruelas, becos e arrabaldes do bairro do Lagoa do Mato. Na companhia dos colegas de infância e do meu irmão Marcos, corríamos juntos, rodopiávamos, arengávamos, dividíamos as frutas roubadas das árvores e juntávamos garrafas de vidro para trocar por picolés. Ecos e sons de uma sinfonia de lembranças e memórias de afetos ao lugar e aos sujeitos impregnados na minha alma. Um passado frutivo de recordar.

Ainda da paisagem da infância, rememoro um momento marcante. Com idade de cinco anos, fiz uma viagem à terra natal da minha mãe, Apodi/RN. Fiquei seis meses na casa de uma tia materna. As lembranças dessa experiência são muito vivas. Brincava com os primos (pega-pega e cozinhadinho), colhíamos manga nas árvores e corríamos no meio das plantações. Os dias pareciam infundáveis, como, também, longa a tardança do sábado, dia do padeiro passar com os seus balaios de pão, no lombo de um jumento. Nas manhãs de sábado, cedo estávamos eu e os quatro primos - Jacinto, Noêmia, Gilson e Marcos - na porteira da casa grande, à espera do “homem do pão”, com a nossa moeda de troca, os ovos de galinha caipira, os quais juntávamos a semana inteira.

Pela manhã, antes dos raios de sol baterem na janela grande de madeira maciça, as canções sertanejas transmitidas pelo rádio à pilha anunciavam a chagada do novo dia. Sofria ao ouvir as músicas de Luíz Gonzaga, Assum Preto e a Triste Partida. Construía na mente a cena

do sofrimento do pássaro da canção. Segundo a letra da canção o pássaro teve os olhos perfurados e cantava de dor. À noite, escura como o assum preto, as rodas no alpendre da casa grande, à luz do luar ou de uma lamparina, envolviam crianças e adultos, na debulha do milho e feijão, atividade regada pelas histórias de trancoso⁵ e o recitar dos romances e versos de cordel. As portas do rico universo da cultura popular se abriram para mim, pelas vozes e narrativas poéticas da vizinhança. Começou o meu fitar com o cordel. A poesia animava meus dias e noites.

Nas lembranças, aromas pungentes de uma realidade econômica e social bem próxima a do personagem do cordel. Vivi durante a infância; tempos de muitas dificuldades. À época, o meu pai possuía uma banca de verdura, em um mercado da cidade. Pelos relatos da minha mãe, a sobrevivência se tornava mais difícil ainda nos anos de inverno com chuvas fortes, a água inundava as plantações de verdura à beira do rio Mossoró e a atividade econômica da família sofria prejuízos.

Mergulhada nas lembranças, me transporto do terreiro de casa aos terrenos baldios, palcos destinados à montagem do circo, com sua palhaçaria. De tempo em tempo, chegava no bairro alguma companhia circense. A cultura nômade do circo me seduzia a ponto de sonhar e desejar a itinerância identitária⁶ daquela gente. “Porque amor desse, cresce primeiro; brota é depois” (GUIMARÃES ROSA, 1986, p. 192).

Ainda da década de 1970, recordo os shows de cantoria e repentes realizados por um vizinho da família, proprietário de um bar. Na calçada do estabelecimento, uma vez por semana, os cantadores de viola se reuniam. Após as apresentações, passavam o chapéu para arrecadar o cachê. Homens, mulheres e crianças disputavam um lugar na calçada do repente do Bar dos Amigos. Em várias ocasiões, na referida calçada, assisti às apresentações do poeta mossoroense Luíz Campos reconhecido e considerado um dos maiores repentistas do Brasil. Dono de um rico imaginário sua narrativa poética envolvia a plateia. Os seus poemas apresentavam uma crítica aos problemas sociais e, ao mesmo tempo, tornavam as nossas noites mais poéticas, aromáticas e leves. Letrista, violeiro e repentista, “o poeta” fazia parte do meu ciclo de

⁵ Houve um escritor português, colecionador de contos, que tinha por sobrenome Trancoso. Trancoso teve uma evolução semântica e incluía contos fantásticos e fábulas. Hoje em dia, história de trancoso é algo irreal, fábula, algo lendário. Muitos contos infantis são classificados como histórias de trancoso. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/trancoso/>>. Acesso em: 15 out. 2016.

⁶ Sua itinerância está ligada diretamente à sua identidade, a sua estrutura, seus processos e suas estratégias de viver e produzir. Por meio de sua itinerância descobre caminhos e lugares concretos e simbólicos. Redefine suas estratégias e adequa-se a novas situações porque para ele a mudança não significa um momento crítico e eventual em sua existência. É essencial para sua sobrevivência. Oxigena sua estrutura e lhe permite ocupar novos espaços na sociedade, apesar desses espaços serem muitas vezes negados. (COSTA, 1999, p.109)

vizinhança, possuiu residência fixa no bairro Lagoa do Mato até 2013, ano de seu falecimento. Acompanhei o poeta Luiz Campos improvisar sextilhas e realizar leituras performáticas dos cordéis, durante parte da infância. Esses momentos alimentaram o meu imaginário e integram o enredo da composição do meu ser.

Minha infância é cheia de sertões. Naquele cenário camponês, os versos exalavam encantamento. A entonação da voz, a cadência e as longas gargalhadas davam vida aos versos sobre os mais diversos temas. Estes bailavam do flagelo da seca aos romances dos amores proibidos. Viajávamos ao mundo do cangaço, aos temas da religiosidade e histórias de botija e assombração. O cordel, considerado um dos principais representantes da poesia popular nordestina, àquela época adquirido na feira da cidade de Apodi (RN), erguia e alimentava as prosas do alpendre. Todo esse universo me fascinava e aguçava o imaginário.

O debruçar-me sobre as minhas Narrativas(Auto)Biográficas da escolarização: reflexões, descobertas, lastros e rastros em um contínuo aperfeiçoamento

Nesse processo de olhar para mim e sobre mim, a viagem segue. Trago mais um de seus capítulos, aquele de quando, morava em um bairro periférico da cidade de Mossoró, sonhava em ir à escola formal, algo distante naquele momento. Por isso, minha mãe procurou garantir o aprendizado das primeiras letras aos filhos mais velhos em uma escola particular. Matriculou-me e, tempos depois, levou o meu irmão Marcos, o segundo filho do casal.

A escola do Professor Milton funcionava em uma residência do bairro Lagoa do Mato. A sala de aula ficava em um pequeno cômodo, sem quadro-negro, nem carteiras. Realizávamos as atividades em uma grande mesa, rodeada de bancos. Nesse espaço, deflagrei o meu processo inicial de alfabetização. As atividades, a partir da cartilha do ABC, desenvolviam-se com base em muitas cópias, treino e repetições. Lembro-me dos castigos físicos com o uso da palmatória para os alunos rebeldes ou aqueles com dificuldades em realizar as atividades. Enquadrava-me no primeiro grupo, costumava quebrar as regras e ser contestadora. Não me sentia feliz na escola. Aquele modelo de aula me deixava impaciente. O aluno, o ser do silêncio, tarefas escritas à exaustão. Um verdadeiro pacote instrucional. O calar a voz e os corpos robustecia a ordem e a disciplina exigidas no percurso das aulas.

Recordo cenas daquela menina vivaz, buliçosa e curiosa, a escutar a mãe dizer: “estude para ser alguém na vida e não depender de ninguém”. Entre o tempo dedicado aos estudos e alguns enfadonhos afazeres domésticos, os instantes poéticos das brincadeiras regavam aquela humilde infância. Entre tantas brincadeiras, a de escolinha tinha frequência garantida.

No ano de 1979, aos oito anos de idade, vivi a aventura de experimentar pela primeira vez o chão de uma escola formal. Consegui uma vaga para o grupo escolar do bairro, a Escola Estadual Monsenhor Raimundo Gurgel. No trajeto dos caminhos difíceis chegar à escola, significou a realização de um sonho. Almejava fazer parte daquela instituição de ensino para participar dos festejos juninos, dos desfiles cívicos, receber livros, praticar educação física.

Estudei na escola Estadual Raimundo Gurgel até a 8ª série⁷. No ano de 1986, um acontecimento quase me levou à evasão. Refiro-me ao casamento, acompanhado do nascimento da minha primogênita, uma das minhas pétalas. Por alguns dias, vi o sonho de continuar os estudos quase interrompido, não por falta de vontade e interesse, mas pelo preconceito, que cruzou o meu caminho outra vez. O meu esposo não aceitava a minha decisão de estudar. Os seus argumentos de que mulher casada deveria cuidar da casa e dos filhos soaram como um desafio.

A minha alma arengueira, libertária e sonhadora não me faria calar. Nasci para voar. Quinze dias após o nascimento da minha primeira filha, alcei voo e voltei aos bancos escolares com mais força e vontade de vencer. No galgar da trajetória da escolarização, decidi cursar, no 2º Grau⁸, um curso profissionalizante. Optei por Habilitação Específica para o Magistério⁹. Pesou na decisão a necessidade de conquistar um espaço no mercado de trabalho

O primeiro ano cursei na Escola Estadual Justiniano de Melo, instituição localizada próximo ao meu bairro. No ano seguinte, essa escola não prosseguiu com turmas do 2º Grau. Transferi-me para o Colégio Estadual Jerônimo Rosado. No início do curso, percebia ter realizado a escolha certa. Encantava-me com o estudo sobre questões pedagógicas, mas confesso um sentimento de decepção pela falta do uso de livros de aprofundamento teórico. Mais tarde, ao participar dos festivais de Música e Literatura Infantil, pude explorar o meu potencial criativo na produção de paródias e poemas.

Em meados de 1986, no 2º ano do Magistério, dei à luz a minha segunda pétala. As coisas pareciam ficar mais complicadas. Conciliar os afazeres domésticos, duas filhas pequenas e os estudos não seria tarefa fácil. Impulsionada a seguir os estudos, cumpri o ritual de ficar quinze dias em casa após o nascimento da cria. Em seguida, estava de volta à rotina dos livros,

⁷ Hoje, 9º ano.

⁸ Atual ensino médio, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira- Lei 9394/96.

⁹ A Lei 5691/71, que trata da reforma do ensino de 1º e 2º graus, classificou o Magistério como uma habilitação específica do ensino de 2º grau. A formação podia acontecer em três anos de duração e habilitava para atuar na Educação Infantil e nas séries de 1ª a 4ª séries do 1º grau ou quem cursasse em quatro anos, estaria habilitado para atuar nas 5ª e 6ª séries do 1º grau.

cadernos, seminários e provas. Concebia a escola como um lugar especial, de esperança e de luta (FREIRE, 1997).

Em 1990, formei-me professora. Ainda no último ano do 2º Grau (atual Ensino Médio), vislumbrei a possibilidade do início da carreira docente. Inscrevi-me no concurso público promovido pelo governo do Estado e obtive aprovação.

O sonho de lecionar em uma escola e de possuir as próprias turmas estava prestes a se realizar. No itinerário da viagem, entre pedras e curvas, surgiu um novo lugar: a Formação Inicial. No mês de março do ano de minha formatura, comecei a exercer a profissão de docente. Junto à realização do sonho, um momento de aporia. Habitavam em mim sentimentos plurais. O medo polissêmico de não saber ser professora, de não corresponder às exigências a mim impostas naquele novo caminho.

Em busca de conhecer melhor a profissão, dois anos após o término do Curso do Magistério, ingressei no Curso de Pedagogia, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Mossoró. À época, o curso de Pedagogia ofertava em sua matriz curricular as habilitações: Magistério das Matérias Pedagógicas (MAMAPE), Administração Escolar do Primeiro e Segundo Graus; Supervisão Escolar e Orientação Escolar. Esperançosa em aperfeiçoar a prática pedagógica a partir do ingresso no ensino superior, optei por fazer MAMAPE.

A conquista do ensino superior, além de uma realização pessoal, foi um passo decisivo para a atuação profissional. O contato com as teorias me fez resignificar a prática. Conclui a graduação no ano de 1996 e, no ano seguinte, voltei à Universidade para cursar, em Pedagogia, a habilitação de Supervisão Escolar. Nesta reflexão sobre a esteira formativa, a narrativa convida-me a um momento de purgação.

No início do ano de 1999, após um concorrido exame de seleção para o Curso de Especialização em Educação, realizado pela Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, conquistei aprovação e passei por mais um momento charneira em minha vida. Necessitei trocar o horário de trabalho, as aulas da especialização aconteceriam pela manhã. Comecei a lecionar no turno noturno. Após nove anos de experiência com crianças da educação infantil e ensino fundamental, assumi, na escola Estadual Nossa Senhora de Fátima, em Mossoró, uma turma de Alfabetização de Jovens e Adultos.

Nos primeiros meses da especialização, a disciplina Fundamentos Linguísticos para a Alfabetização, ministrada pela professora Petúnia¹⁰ propiciou-me um desequilíbrio em relação aos conhecimentos construídos na graduação sobre o processo de alfabetização. As reflexões partiram da proposta de cada aluno reviver e registrar o seu processo de alfabetização.

Dos fios da minha memória, feito alfenim¹¹, puxei as lembranças. Resgatei memórias da carta de ABC. Lembrei-me do período das primeiras lições: da alfabetização aos 7 anos de idade, antes do ingresso na escola formal, pelo método de soletrar e memorizar as famílias silábicas. As atividades partiam das letras apresentadas nas formas manuscritas, maiúsculas, minúsculas e de imprensa, seguidas dos ditados de palavras e frases.

O Curso de Especialização em Educação na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte proporcionou-me um aprendizado significativo e uma mudança substancial em meu fazer pedagógico. Dentre as contribuições, destaco a ampliação de conhecimentos sobre autores como Vygotsky, Dewey e Piaget e concepções de aprendizagem.

Àquela época, quando apresentada ao ideário freireano, percebi uma imbricação entre a minha prática docente com jovens e adultos e os pressupostos teóricos defendidos pelo autor. Brotou em mim um forte desejo de aprofundar as leituras a respeito da obra de Freire. Esperançosa de concretizar tal desejo, direcionei o meu projeto de pesquisa para o ensino de jovens e adultos.

Ao debruçar-me sobre a pesquisa, assumi o risco de, no percurso, desencontrar-me com o meu orientador, contrário ao ideário freireano. O estudo, com foco no construtivismo-interacionista, resultou no trabalho monográfico intitulado “Tecnicismo e Construtivismo: notas sobre a implantação da Proposta de Educação Fundamental de Jovens e Adultos no Rio Grande do Norte”.

A referida pesquisa, conduzida à luz de indicações de uma postura histórico-crítica, aborda a implantação da proposta do curso de educação Fundamental de Jovens e Adultos no Rio Grande do Norte. Teve como ponto de partida a constatação da não mudança de postura na metodologia de ensino nas salas de EJA, isso pela não compreensão da nova proposta por parte dos educadores e educandos envolvidos diretamente na Educação de Jovens e Adultos, na cidade de Mossoró.

¹⁰ Nome fictício para preservar a identidade da citada professora. Nome de flor escolhido pela autora em virtude dos seus afetos pelos elementos da natureza

¹¹ Alfenim ou alfinim é o nome dado a uma massa branca de açúcar e óleo de amêndoa doce. Um doce muito comum, vendido nas feiras livres das cidades nordestinas.

Consciente da minha inconclusão/incompletude (FREIRE, 1997) na aventura em busca da conquista do conhecimento cada vez mais elaborado, após vinte e cinco anos de atuação docente vislumbrei a possibilidade de fazer um Curso de Mestrado em uma universidade pública, sonho alimentado desde muito antes. No primeiro semestre de 2015, encontrei o edital do processo seletivo para alunos especiais do Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Naquele momento, algumas dúvidas surgiram: daria conta da demanda de estudos, pesquisa e o trabalho em duas instituições distintas? E se não fosse selecionada, como ficaria diante da frustração e o sentimento de fracasso?

O ano de 2016 reserva mudanças em minha vida. Ao participar da seleção de Mestrado em Educação na Universidade do Rio Grande do Norte, obtive aprovação. Uma eufórica alegria tomou conta de mim e, ao mesmo tempo, uma preocupação me consumia. Em dez dias apresentaria o anteprojeto de pesquisa. Confesso vivenciar um sofrimento durante três dias seguidos, pelo desejo de apresentar a provável orientadora um projeto autêntico e pertinente.

Certo dia, quando pensei não ter mais forças, adormeci e, ao amanhecer, parecia um conto ficcional, pulei da cama feliz da vida: acordei com um mote poético tema da investigação. Percebi o objeto de pesquisa do nosso projeto ter caminhado com a minha trajetória de vida. Na infância gravitei em meu imaginário no universo mágico dos espetáculos sob a lona. Do fascínio pelo cotidiano circense o meu ser transborda de afeto e paixão por essa arte milenar. Ainda infante, encantei-me pelo ritmo, letra e melodias dos poemas e romances populares.

As tramas e urdiduras dos fios que engendram a minha história trazem desde a infância as marcas da problemática desta investigação, a minha essência entrecruza-se com a arte. Na marcha e contramarcha da vida as experiências vieram-me não por acaso, elas são definidoras de nossa história. O nosso projeto de pesquisa e o meu projeto de vida estão intrinsecamente ligados, pude perceber as amarraduras e nós desses fios, depois do encontro com a abordagem (Auto)biográfica, ao vivenciar o potencial autoformador das narrativas das histórias de vida.

Nesses primeiros roteiros da viagem, percebo os aromas da poesia imbricados em mim. A arte penetrada nas entranhas do no meu ser e percebi o porquê: as artes dizem muito sobre nós. A partir das produções artísticas de determinada época e de uma cultura, podemos entender o pensamento científico, filosófico, religioso, estético, seus valores, crenças e o seu modo de evolução, a arte se constitui o reflexo de uma sociedade. Sua expressão é essencial na formação do ser humano, por desenvolver a sensibilidade, o senso-crítico, socialização, e possibilitar ainda, o autoconhecimento. A arte é responsável por ativar as dimensões cognitivas, físicas,

afetivas e sociais do indivíduo, além de permitir a socialização dos bens culturais produzidos pela humanidade ao longo de sua história.

Na busca pelo objeto de pesquisa, ao largar algo em construção, até me refazer e partir para algo novo a caminhada deu-se em terrenos acidentados. Utilizo uma personagem da obra *As margens da alegria*, de Guimarães Rosa (1972), para referenciar o momento vivido. No texto, um menino personagem principal, encontra-se na sua lenta descoberta do mundo. Ao longo da narrativa, ele transforma tudo o que passa diante dos olhos em experiência de dor e alegria, descoberta e aprendizagem. A partir da obra, sinto-me autorizada a dizer, no meu primeiro voo em um trabalho investigativo com o método (Auto)biográfico, percebo-me na condição daquele menino. Minhas inquietações, curiosidades e interesses levaram-me a descortinar novas possibilidades.

Ao refazer os caminhos percorridos na minha trajetória pessoal e profissional, tarefa dolorosa no início do trajeto, porém, instigante e prazerosa -, pude (re)compor traços básicos da significação da escolha do meu tema de pesquisa e descobri-lo como raiz fincada na minha história. Essa viagem, por meio da narrativa (Auto)biográfica me fez (re)descobrir reminiscências do encontro com o meu objeto de estudo – eu mesma - e me proporcionou acessar memórias e acervos desveladores para a compreensão do meu desejo de investigar as tramas de um poeta popular.

Na trilha da formação, cruzar caminhos: o eu na construção da pesquisa (Auto)Biográfica e o encontro com o poeta Nildo da Pedra Branca

No ritmo de partidas, pausas, avanços, desassossego, calma e muitos destinos a cada chegada minhas memórias convocam-me a reviver o meu encontro com os estudos da pesquisa (Auto) biográfica e com o poeta Nildo da Pedra Branca, sujeito desta investigação. Como a investigação trabalha com as narrativas (auto)biográficas, considero oportuno descrever as singularidades do tipo desta pesquisa e o seu papel em minha vida.

Vem-me à mente um velho adágio: “o mundo dá muitas voltas”. Recorro ao dito popular para compartilhar uma experiência vivida com a escrita dos memoriais de professores, no ano de 2012. Na época, aquela produção escrita deixou-me intrigada. Naquele ano, como docente do ensino superior, no Curso de Pedagogia da UERN pude participar de algumas bancas de conclusão do curso. A produção de um Memorial de Formação cumpria a exigência do trabalho de conclusão do curso. Confesso estranhar e discriminar aquela forma de trabalho científico. Perguntava-me: “Como assim a descrição de uma vida, de um sujeito comum, como pode ser

considerado um trabalho de encerramento em uma academia? Participei das bancas, manifestei parecer, porém permaneci com o posicionamento, semelhante àquele de quando voltei aos bancos da universidade em 2015, como aluna especial do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da UERN.

Ao ouvir as explanações da Prof.^a Ana Lúcia Oliveira Aguiar sobre a pesquisa (Auto)biográfica, narrativas¹² e histórias de vida como potencializadoras de conhecimento e autoconhecimento, minhas lembranças se transportavam aos memoriais. A sensação e as inquietações semelhantes ao do momento das bancas. Embebecida pelos paradigmas da ciência cartesiana e positivista, eu fitava os olhos no olhar vivo da professora e com receio da professora desconfiar, perguntava ao meu interior: “Isso é Ciência?”

No transcorrer da disciplina *Memória Formação e Pesquisa (Auto)Biográfica*, ocorreu a ruptura de paradigma. A prof.^a Ana Lúcia Oliveira Aguiar me apresentou, por meio de sua prática e das atividades propostas, as bases teórico-metodológicas das narrativas (Auto)biográficas e o método (Auto)biográfico. Autores como Josso (2010), Dominicé (2006) e Souza (2006) sustentavam as discussões e reflexões.

Ainda quando aluna em caráter especial do Mestrado, aproximei-me do referido método e dos conceitos centrais dessa modalidade de pesquisa. Como primeiro artigo da disciplina, escrevi acerca de experiências sobre a minha formação, a partir das lembranças de momentos por mim vivenciados como formadora de alfabetizadores no Programa Brasil Alfabetizado, no município de Baraúna-RN.

A partir dos contributos da professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar e autores estudiosos das pesquisas (Auto)biográficas, percebi, algo até então invulgar em minha vida. Escrever sobre mim, narrar a minha história significa revelar o sentido da minha vida.

Como nos aponta Dominicé (2006, p. 356), [...] “uma narrativa (Auto) biográfica é, antes de tudo, a escrita de si que tem como código primeiro [...]” elucidar como nos tornamos o que somos ou como aprendemos o que sabemos”. O exercício autobiográfico me permitiu descobrir quem me tornei por meio da minha própria história de vida e experiências. Isso porque, enquanto sujeito da prática, não sou pronta e acabada, vivo permanentes experiências, por mim significadas, e estas permitem-me transformações constantes.

Josso (2010, p. 62:63) fortalece o meu pensamento, quando diz “a reflexão biográfica permite explorar em cada um de nós as emergências que dão acesso ao processo de descoberta

¹² “Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência, encontram possíveis implicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social”. (Jovchelovitch e Bauer, 2002).

e de busca ativa da realização do ser humano em potencialidades inesperadas”. As narrativas (Auto)biográficas possibilitam a (auto) formação dos sujeitos, cuja reflexividade e o processo de memória promovem a tomada de consciência de si e do outro. Elas permitem reconhecer o homem como ser de razão e de emoção, além de fazer emergir os aspectos conscientes e inconscientes das relações existentes na formação.

O trabalho com pesquisa (Auto)biográfica, o mergulhar dentro de mim, contribuiu para a apreensão a respeito dos elementos sobre o meu percurso de formação e experiências do cotidiano acadêmico. Mostrou-se essencial para o meu aprendizado profissional, ampliou o meu pensamento sobre a formação docente na trajetória de busca pela formação permanente e o meu crescimento humano. Oportunizou autoconhecimento, a minha assunção de ser mais. Como nos diz Benjamin (2006) a ideia de narrar a própria história é a ideia de resistir.

Após encontrar-me com o método (Auto)biográfico, o percebo como capaz de dar conta da complexidade humana, analisar os fenômenos e os verdadeiros problemas da vida e da existência, as narrativas se legitimam como dispositivos para a compreensão desses fenômenos. Descobri o quanto as vozes silenciadas dos sujeitos à margem da história oficial têm a nos ensinar. Segundo Denzin (1984 p.32), por meio das narrativas “as pessoas comuns universalizam, através de suas vidas ações, a época histórica em que vivem”. Com base nessa concepção, me descobri pessoa comum potencialmente produtora de história e conhecimento.

Ao encontrar o poeta popular, em uma experiência formativa, comecei a aflorar inquietações. José Antônio da Silva, conhecido por Nildo da Pedra Branca, natural de Mossoró/RN. Desde criança cultivava o verso. Admirador de eventos religiosos, o poeta também aprendeu a tocar violão. Diante das dificuldades para estudar, conseguiu concluir o ensino fundamental já adulto¹³. A sua história de vida, marcada por dificuldades e, ao mesmo tempo, embalada e suavizada pela cultura popular, inspirou-me, por suas experiências formadoras, essenciais no seu desenvolvimento pessoal e profissional. As experiências do sujeito comum poderão fortalecer as discussões e estudos voltados à formação de professores. A partir deste percurso da viagem descreverei o nascedouro da curiosidade pela história de vida e narrativas do poeta Nildo da Pedra Branca na lápide de sua existência.

Após um biênio à frente da formação do Programa Brasil Alfabetizado, em abril de 2010 principiei a organização e o planejamento de um evento no município de Baraúna, com o propósito de promover um debate sobre as políticas voltadas para a modalidade da Educação de Jovens e Adultos.

¹³ Mais informações em: <<http://jullytth-emboladorespotiguares.blogspot.com.br>>.

Lembro-me da maratona de encontros, reuniões e contatos com professores, gestores, comitês e colaboradores para a logística do *I Seminário de Educação de Jovens e Adultos de Baraúna/RN*. O evento foi realizado no dia 1º de julho de 2010. Na oportunidade, o diretor de educação e Tecnologia do Instituto Federal de Educação do Rio Grande do Norte (IFRN) discutiu com os educadores e alunos sobre os desafios e perspectivas da educação de Jovens e Adultos.

Envolta numa teia de lembranças, trago minúcias do momento inicial do referido seminário. Estar à frente de um planejamento estratégico de um evento me fez viver um misto de felicidade, ansiedade e preocupação. Minutos antes, uma inquietude consumia o meu ser. O responsável pela acolhida cultural ainda não havia chegado. Estava eu no meio do “furacão”. Disfarcei a tensão, sentei-me junto aos convidados. Olhar fixo no corredor de entrada da Secretaria Municipal de Educação, local do seminário. De repente, como um cavaleiro andante e estabonado, adentra ao espaço o poeta Nildo da Pedra Branca. Confesso, naquele momento, veio-me ao juízo o livro *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, lido há muito tempo.

Como o personagem principal da obra de Cervantes, o poeta exalou um sentimento de empatia. De cordéis em punho, espalhou a sua poesia nos quatro cantos da sala. O resultado surpreendeu. Poesia e vida se revelavam. Em seguida, narrou um pouco sobre a sua história de vida. A coordenação do Seminário o convidou para o evento, por sua pertença ao tema em discussão, Nildo da Pedra Branca é egresso da educação de jovens e adultos.

Aquele instante poético arrebatou a atenção de todos. Os versos do cordelista Nildo da Pedra Branca revelaram o seu compromisso com a sua comunidade e suas raízes. Uma poesia rica em dizeres e fazeres das coisas do campo, versos revertidos de uma beleza estética, poemas sensíveis e espontâneos. Um olhar voltado para as próprias raízes culturais, sensível aos problemas de sua gente. Da acolhida cultural do *I Seminário de Educação de Jovens e Adultos do município de Baraúna/RN*, tal como o bailar do singelo florescer da bromélia flor de macambira nos campos da caatinga, brotava a nossa parceria. Tempo de sementeira.

Um ano depois, o afinamento das emoções. Eu e o poeta embalávamos o sonho de uma construção estética com crianças. Uma proposta de apreciação e produção de cordéis com os educandos da educação infantil, conforme o registro das imagens abaixo (Foto 9). Em meados de 2011, realizamos uma roda de cordel com a turma do Infantil “IV”¹⁴, do Colégio Diocesano Santa Luzia no contexto do projeto *Encanta Cordel*, com o objetivo de desenvolver nas crianças

¹⁴ Nomenclatura para denominar, na educação infantil, turmas de crianças de quatro anos de idade.

o gosto pela leitura dos textos poéticos. Durante o evento, o cordelista adentrou a sala de aula e permitiu às crianças entrarem em contato com a linguagem poética, presente: nas canções de ninar, nas cantigas de roda, nas parlendas, quadrinhas e letras de canções.

No ano seguinte, ergueu-se a proposta de um momento de formação de alfabetizadores do Programa Brasil Alfabetizado, com a metodologia das oficinas de cordéis. Convidei o poeta Nildo da Pedra Branca para realizar uma oficina para professores responsáveis por desenvolver o projeto com os cordéis em suas salas de aula com os alfabetizando jovens, adultos e idosos no município de Baraúna/RN.

Trilhei o caminho das narrativas feitas das imperfeições do caminhar. Destaco, nesse andar como coordenadora e formadora, no ano 2011, havia realizado uma oficina direcionada para o aspecto metodológico de como utilizar o cordel como ferramenta de aprendizagem da linguagem escrita com adultos e idosos. Durante a experiência, percebi minha carência em relação aos conhecimentos específicos a respeito da linguagem do cordel. Vi no trabalho do referido poeta um aliado para articular os conteúdos metodológicos e específicos, além do enriquecimento cultural propiciado pelo recital de poemas realizado pelo poeta.

Firmada a parceria com o poeta, em uma tarde de terça-feira, no verão de 2012, no auditório da Secretaria Municipal da Educação de Baraúna/RN, Nildo da Pedra Branca fez sua apresentação aos alfabetizadores. Iniciou o encontro formativo com a narrativa de trechos de sua vida e a sua ligação com o cordel. Segundo o poeta, ainda no ventre escutava a mãe, recitar os romances e antes de ir à escola conhecia as primeiras letras e palavras por causa dos cordéis. Sua genitora apresentou-lhe os versos e o mundo das letras.

O poeta Nildo da Pedra Branca declamou o poema *Romance do Pavão Misterioso*, de autoria de José de Camelo de Melo Resende¹⁵. Disse ter escolhido o referido cordel por ser um dos seus preferidos e porque, no ano seguinte, o romance completaria 90 anos. Desenvolveu o trabalho com o princípio freireano da dialogicidade em um círculo de conversa. O círculo é um convite à participação.

A metodologia do círculo oportuniza o protagonismo dos participantes com direito à voz. Erguido o debate, o poeta buscou a palavra dos educadores. Cada alfabetizador expressou suas expectativas em relação ao encontro. Naquela tarde, o poeta Nildo da Pedra Branca

¹⁵ Natural do povoado de Pilõezinhos, município de Guarabira, PB, José Camelo de Melo Resende nasceu em 20 de abril de 1885 e faleceu na cidade de Rio Tinto, PB, aos 28 de outubro de 1964. Poeta popular, cantador, carpinteiro e xilógrafo, era, segundo Átila Almeida e José Alves Sobrinho, homem imaginoso e brilhante. Começou a versar romances por volta de 1923, mas não escrevia suas composições: guardava-as na memória para cantá-las onde se apresentasse. Disponível em: <<https://memoriasdapoesiapopular.wordpress.com>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

espalhou pelo espaço muitos cordéis do seu acervo pessoal, considerados raros e de grande valor afetivo, alguns os guarda desde a infância. Aguçou as lembranças dos educadores com um pedido: cada um deveria lembrar de um cordel visto ou recitado em um momento da sua vida.

Alguns alfabetizadores resgataram vivências do tempo de infância com familiares nas rodas de leitura dos romances. Outros narraram experiências de uso dos cordéis com os alunos em sala. Com a atividade, constatamos o quanto o gênero cordel fazia parte da realidade do grupo.

Na sequência das atividades, o poeta explanou sobre a origem do cordel e os principais cordelistas da região nordeste. Discutiu ainda o conceito e as características dessa literatura, apresentou a divisão gramatical dos versos, utilizou para isso o Romance *Pavão Misterioso*. Propôs ao grupo a construção coletiva de uma sextilha para, em seguida solicitar a produção de um cordel individual. Nossa oficina se transformou por excelência em um espaço de produção. O poeta Nildo da Pedra Branca criou meios e oportunizou os alfabetizadores a construírem suas aprendizagens. As atividades desenvolvidas nas oficinas de formação lembram-nos muito os ciclos de cultura¹⁶ de Freire, os cordéis partiam de palavras geradoras e propiciava um instrumento de expressão e aprendizagem.

A definição por trabalhar com a história de vida do poeta Nildo da Pedra Branca se deu ao descobrir que as lógicas do cidadão comum de pessoas anônimas têm muito a nos ensinar. Essa experiência inspirou a minha atuação, volto a me encontrar com a arte, com a poesia e com a literatura. A cultura popular está presente na minha memória, fincada em minhas raízes e se integra à prática docente. Busco, na caminhada da formação continuada, conceber as experiências formativas como espaços privilegiados de construção de conhecimento e de aprendizado contínuo.

Quis trazer à tona o encontro com o poeta Nildo da Pedra Branca, no rastro da formação, por esse cenário ter despertado e provocado em mim o desejo de beber na fonte da história de vida deste sujeito, exemplo de superação. O poeta popular Nildo da Pedra Branca, cuja a vida não canta em vão, acumulou aprendizagens e tem muito a nos contar sobre a sua história e sobre a sua experiência. No resgate dessa vivência, pude perceber, àquela altura, já havia em mim uma pesquisadora atravessada pelas narrativas formadoras de um sujeito de saberes erguidos

¹⁶ “No ciclo de cultura o diálogo deixa de ser uma simples metodologia ou uma técnica de ação grupal e passa a ser a própria diretriz de uma experiência didática centrada no suposto de que aprender é aprender a, dizer a sua palavra” (BRANDÃO, 2010, p. 69).

na poesia popular, mesmo ser ter naquele momento o caráter de pesquisa. O cenário nos ofertou condições de um cidadão comum de voz abafada pelos modelos tradicionais cristalizados, herança da perspectiva positivista entoar seus saberes pelo som de sua voz. Mote principal da nossa investigação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo advindo de um projeto de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado em Educação, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, trouxemos via narrativas orais e escritas as experiências e escrita de si, no contexto do citado projeto. Objetivou narrar e discutir o desvelar da construção do despertar do objeto de estudo, analisando as razões que me levaram ao encontro e escolha do poeta Nildo da Pedra Branca como sujeito para o diálogo proposto neste estudo. Para tanto, teorizamos elementos da experiência pessoal, social e acadêmica, a partir da narrativa (auto)biográfica. A pesquisa adotou a abordagem qualitativa de pesquisa desenvolvida a partir do aporte teórico do método (Auto) biográfica. O trabalho com o método (Auto) biográfico possibilita um exercício de escuta, uma ação na qual o sujeito da pesquisa escuta suas próprias experiências e analisa suas ações e age sobre elas com intuito de mediar à construção de um conhecimento significativo para si e para o outro.

As experiências narradas, singulares e inseparáveis (LARROSA, 2002), apresentaram os espaços formativos a partir das narrativas (auto) biográfica que desvelaram composição de sentidos do meu percurso de pesquisadora e a motivação da escolha do poeta Nildo da Pedra Branca como sujeito deste estudo. O pensar em si, falar de si e escrever sobre si emergem em um contexto intelectual de valorização da subjetividade e das experiências singulares.

Ao refazer os caminhos percorridos na minha trajetória pessoal e profissional - tarefa dolorosa no início do trajeto, porém, instigante e prazerosa -, pude (re)compor traços básicos da significação da escolha do meu tema de pesquisa e descobri-lo como raiz fincada na minha história.

Do tempo de criança rememorei, a minha infância cheia de sertões. Naquele cenário camponês, os versos exalavam encantamento. A entonação da voz, a cadência e as longas gargalhadas davam vida aos versos sobre os mais diversos temas. Estes bailavam do flagelo da seca aos romances dos amores proibidos. Viajávamos ao mundo do cangaço, aos temas da religiosidade e histórias de botija e assombração. O cordel, considerado um dos principais representantes da poesia popular nordestina, àquela época adquirido na feira da cidade de Apodi

(RN), erguia e alimentava as prosas do alpendre. Todo esse universo me fascinava e aguçava o imaginário.

Essa viagem, por meio da narrativa (Auto)biográfica me fez (re)descobrir reminiscências do encontro com o meu objeto de estudo – eu mesma - e me proporcionou acessar memórias e acervos desveladores para a compreensão do meu desejo de investigar as tramas de um poeta popular. As tramas e urdiduras dos fios que engendram a minha história trazem desde a infância as marcas da problemática desta investigação, a minha essência entrecruza-se com a arte. Na marcha e contramarcha da vida as experiências vieram-me não por acaso, elas são definidoras de nossa história.

Ao trazer os aspectos da esteira profissional um encontro ao encontrar o poeta popular, em uma experiência formativa, em oficina de cordel para alfabetizadores do programa Brasil Alfabetizado, comecei a aflorar inquietações. José Antônio da Silva, conhecido por Nildo da Pedra Branca, sujeito da minha pesquisa. A história de vida de um homem comum capaz de romper, como fez, o invólucro das barreiras impostas pelas dificuldades sociais e econômicas e inscreve-se no mundo como um sujeito de superação e de empoderamento ecoa versos da reinvenção de si, nos ensina e nos faz revisitar a nossa própria história.

Os relatos acenam importância da escrita de si para a compreensão do processo em que o sujeito em formação. Foi possível perceber que o meu projeto de pesquisa sobre a história de vida e experiências formadoras do poeta popular Nildo da Pedra Branca e o meu projeto de vida estão intrinsecamente ligados. Segundo Josso narrativas de experiências formadoras nos permitem compreender as mudanças que ocorrem no plano pessoal e social. "É neste movimento dialético que nos formamos como humano" (JOSSO, 2004, p.54).

Diante do que discutimos ao longo deste trabalho, as reflexões nos conduzem a constatar as histórias de vida além do seu significado investigativo representam um instrumento de formação para o sujeito que se narra e para os outros. As narrativas servem como material de compreensão dos processos de conhecimento, de formação e aprendizagem. Enquanto atividade formadora a experiência de escuta do outro nos colocou como pesquisadora, na possibilidade de ampliar minha trajetória de formação pessoal e profissional e minha própria história.

REFERÊNCIAS

BARROS, M. **Livro sobre nada**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

BENJAMIN, Walter. **Passagens** (Org.). São Paulo: IMESP, 2006.

DENZIN, N. K. **Interpretando a vida de pessoas comuns:** Sartre, Heidegger e Faulkner. Dados, v. 27, n. 1, 1984.

DOMINICÉ, Pierre. **A formação de adultos confrontada pelo imperativo biográfico. Educação e Pesquisa.** São Paulo, v. 32, n. 2, p. 345-357, maio/ago. 2006.

FREIRE, P. **Cartas à Cristina.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

JOSSO, Marie Christine. Da Formação do sujeito... ao sujeito da formação. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias. **O método (Auto) biográfico e a formação.** Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988-2010.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. **Primeiras estórias.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si:** estágio e narrativas de formação de professores. Salvador: UNEB, 2006. Disponível em: <imagem.pro.br/frames>. Acesso em: 23 set. 2017.